

DA CELEBRAÇÃO À VIDA: Para maior validade e fecundidade da Liturgia

Em um editorial de 1980 da *Rivista Liturgica*, Dom Salvatore Marsili, um dos pioneiros da reflexão teológico-litúrgica do pós-Vaticano, fazia a pergunta: *por que não nasce a Igreja dos sacramentos hoje?* Com isso convidava todos para a busca de um caminho de prática litúrgico-pastoral que permitisse levar a ação litúrgica que é fonte privilegiada de graça de Deus e momento máximo de vida da Igreja (SC 10) a ser também uma situação de eficácia para os indivíduos e para as comunidades.

Pergunta deveras inquietante para quem vê nossas comunidades celebrando cotidianamente sem aparecer entre elas o crescimento resplandecente da Igreja de Deus. Especialmente em ambiente latino-americano pergunta-se porque a celebração constante da liturgia não leva a uma mudança da realidade histórica sobre a qual deve incidir o mistério salvífico celebrado pela Igreja.

1. SITUAÇÃO NA HISTÓRIA

Nossa pesquisa quer aprofundar a relação que existe entre a liturgia e a vida, esclarecendo os dois elementos fundamentais que completam a plena autenticidade das celebrações cristãs: a validade e a fecundidade, entendendo com este segundo termo a exigência que a celebração litúrgica produza frutos na vida e na empenho cristão de quem participa.

Do mesmo modo como a validade é um elemento imprescindível no nível de matéria, forma e ministro, assim também quereríamos que essa validade fosse complementada com a fecundidade ou a "*produção de frutos*" da ação litúrgica, mos-

trando a exigência profunda, isto é, a necessidade de que ela contribua para a transformação da vida.

Esse resgate faz-se em virtude do conhecimento bíblico mais desenvolvido, da tradição patristica, do magistério e da análise de antigos rituais que levavam a uma prática fundada em razões teológicas e históricas a dividir a relação liturgia e vida dentro da comunidade cristã e da sociedade civil que a circunda.

Na reflexão bíblica, tanto o Antigo como o Novo Testamento exigem o empenho da vida como parte da ação cultual pois o respeito do valor existencial na liturgia é a superação de toda hipocrisia. Nem os profetas nem Cristo admitem a prática ritual sem vida celebrada, tanto quando elogiam a celebração verdadeira como quando condenam o mau culto. Muitos textos proféticos e mensagens dos evangelhos que pedem a valorização do culto espiritual, onde o elemento ritualístico não prepondera sobre os valores da fecundidade e frutuosidade sacramental, enfim, que haja uma relação harmoniosa entre liturgia e vida, uma interação entre estes dois elementos fundamentais do culto cristão.

Também os Padres da Igreja teceram sérias críticas contra o culto exterior, falsificado e de fachada, que procura esconder com solenidades exteriores uma prática hipócrita que o culto favorece ao não anunciar ou não denunciar. Os Padres vão buscar fundamentos para uma liturgia verdadeira que seja o reflexo de uma vida cristã profunda e sincera.

A tradição litúrgica dos primórdios foi também extremamente ligada às práticas de caridade da comunidade que transformaram as instituições humanas dos primeiros séculos da Igreja.

Ao longo da tradição muitos valores privilegiando a validade foram diminuindo a reflexão sobre a fecundidade e perdeu-se a insistência na eficácia vital dos atos litúrgicos. A necessidade de confirmar os sacramentos enquanto ação da Igreja oficial contra heresias e contra abusos, cristalizou os elementos dogmáticos em detrimento dos elementos pastorais vitais. Isso firmou a necessidade de envolver os celebrantes na ação litúrgica e os elementos necessários para a validade passaram a constituir o "mínimo necessário" para a realização das ações litúrgicas e sacramentais.

Autores modernos não deixam de chamar hipócrita ao rito que é separado da caridade e da justiça. Atualmente existe no universo eclesial uma grande preocupação de recuperar os espaços perdidos por esta tendência teológico-sacramental existindo uma batalha silenciosa para que se enalteçam os elementos relacionais da liturgia com a vida.

Com o advento da doutrina do Vaticano II (*Sacrosanctum Concilium*) e dos Rituais produzidos pela Igreja em seguida a ele, a luta se tornou mais apoiada. Sobretudo rituais como o *Ordo initiationis christianae adultorum*, *Missale Romanum* e *Ordo Paenitentiae* mostram em muitos momentos do ritual e sobretudo nas introduções (*Praenotanda*) a importância de se aprofundar a questão existencial/vivencial das ações litúrgicas. Eles não temem propor uma teologia explícita e sistemática da necessidade de uma implicação da vida. Dessa riqueza infelizmente muitas vezes ignorada emergem importantes consequências para uma prática sacramental capaz de gerar mudanças e fazer crescer a Igreja de Jesus Cristo. Isso deve nos levar a uma reflexão sobre a execução dos ritos dos sacramentos na atual realidade eclesial.

Nossa pesquisa não pretende ser completa. O tema é por demais complexo. A pesquisa exegética e histórico-patristica seria longa. Usamos somente os rituais da reforma litúrgica do Vaticano II.

Preferimos o método “analítico-sintético” que examina alguns aspectos da tradição cristã confrontando-os numa síntese com os dados saídos de uma problemática moderna. Partindo de uma intuição que é a falta de conversão cristã eficaz produzida pela prática litúrgica, formulei a hipótese que a liturgia perde sua eficácia na vida da Igreja sem uma madura harmonia entre a validade e fecundidade.

2. PRESSUPOSTOS PARA UMA LITURGIA MAIS ENCARNADA

Analisando o que lemos nos rituais da *Iniciação Cristã dos Adultos*, do *Rito Penitencial* e do *Ritual da Eucaristia*, queremos compreender de que modo podem ser repensadas algumas dimensões da liturgia praticada na América Latina, dentro do pensamento teológico e da eclesiologia típica deste continente, com sua realidade sócio-histórica e sua cultura específica.

A liturgia apresenta sempre duas dimensões fundamentais: o louvor a Deus e a santificação da comunidade. Estas duas faces da mesma ação celebrativa devem ser harmônicas, pois Deus é o bem supremo e é em sua direção que se voltam todas as atitudes daquele que crê, especialmente quando quer apresentar a síntese de sua vida e de sua fé num ato explicitante, por meio da liturgia, que é o ponto de encontro fundamental da comunidade com Deus, intermediado por Jesus Cristo. Assim, o louvor deve ser realizado a partir da maneira de viver da comunidade, pois o louvor é a expressão da vida da comunidade.

Portanto, interessa-nos, *descortinar novos elementos que possam apresentar o sentido do celebrar em nossas comunida-*

des concretas de nosso continente latino-americano, embora tais reflexões possam iluminar a prática celebrativa universal, recuperando, no modo próprio de cada cultura e povo, a melhor maneira de celebrar e viver a fé, numa comunidade que se reúne, a convite do Senhor. Daí a pergunta: *Qual é a identidade específica dos povos latino-americanos, que propõe uma atitude celebrativa peculiar?*

Muitos estudos foram feitos e todos apontam para elementos característicos da fé cristã vivenciada concretamente em nosso continente e que propõe inovações na celebração e novas dimensões a serem mais aprofundadas.

Desde a abertura proposta pelo Concílio Vaticano II, os documentos oficiais da Igreja vão sempre mais aprofundando a necessidade de criar novas formas litúrgicas, respeitando a tradição, mas sobretudo explorando as possibilidades que a celebração da fé, num continente sofrido e conflitivo pode desenvolver.

Em Medellín, a teologia litúrgica destacou a necessidade de manifestar a relação com o próximo, mais pobre e explorado da sociedade¹, manifestando a dimensão social do cristianismo, através de seu visor comunitário que é a celebração litúrgica.²

Em Puebla, numa busca de inserimento da liturgia dentro do gênio cultural de cada povo, insistiu-se que as celebrações busquem uma adaptação adequada aos grupos étnicos diferenciados e simples, para que se celebre com verdade e a partir do jeito de ser de cada povo, promovendo assim o Reino de Deus, através de um compromisso social e político do cristianismo.³

Em Santo Domingo, assumindo a realidade da carência de evangelização da comunidade celebrante e a defasagem enorme entre celebração e vida, sinais, rituais e catequese, aparece uma preocupação fundamental com a formação e o crescimento espiritual da comunidade. Reconheceu-se que as celebrações são minimizadas e reduzidas a gestos repetitivos e superficiais, devida a falta de evangelização e compromisso com a própria fé. Somente uma preocupação com a formação cristã da assembléia possibilitará que a liturgia seja a celebração da vida.⁴

Por esta razão é que se fomenta a pedagogia dos sinais e a catequese dos símbolos, que não devem ser expressão teatralizada, mas expressão de uma vivência ou de um compromisso comunitário.

Antes desta Conferência, o Episcopado brasileiro exaltara a necessidade de evidenciar o compromisso com a transformação do mundo, realizando liturgias unidas aos fatores existenciais comunitários, para transformar a vida toda em celebração. Se a liturgia exprimir a vida, unem-se os princípios evangélicos com a vivência cotidiana, marcando a liturgia pelos valores dos participantes da assembléia e levando a todos a

1. CELAM, *A Igreja na atual transformação da América Latina, à luz do Concílio*. Conclusões de Medellín, São Paulo (1973), n. 7, 15.
2. *Ibidem*, n. 2, 24

3. *Idem*, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões de Puebla. São Paulo, 1982, n. 940 e 899.

4. *Idem*, *Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã, Jesus Cristo ontem, hoje e sempre*. Conclusões de Santo Domingo. São Paulo 1992, n. 35. 117.

5. CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil*: Elementos de pastoral litúrgica. São Paulo, Paulinas, 1990, p. 19-20; 65-68. (Estudos da CNBB 43).

uma vivência mais significativa dos valores expressos na teologia litúrgica das celebrações.⁵

Estes textos do magistério episcopal são inspiradores de uma nova liturgia, marcada pela participação popular com simplificação dos gestos e pela revelação da dimensão afetiva e alegre da assembléia reunida, favorecendo a eferescência cultural, ajudada pela visão ecumênica, capaz de buscar pontos comuns sobretudo no compromisso transformador da vida cristã e manifestando, em tudo, a reação à realidade marcada por rostos sofridos, explorados e com ânsia de transformação, num processo de luta e de conquista, que manifesta a labuta cristã cotidiana pela sobrevivência e a insubmissão política que quer moldar o continente, paganizado pelas injustiças, aos valores aportados pelo Evangelho.

Importante parece-nos iluminar as possibilidades pastorais da liturgia, que nesta visão teológica, devem abrir espaços para os grupos minoritários (os grupos marcados pelo preconceito em suas variadas manifestações) que vivem o compromisso de celebrar a transformação social em processo e de denunciar as injustiças vigentes na realidade social estabilizados pelos fenômenos culturais, que expressam os dramas e o ser das classes oprimidas, numericamente significativas na população.

A liturgia tem possibilidade de assumir a cotidianeidade dos grupos celebrantes tomando a forma evolutiva e dinâmica, como acontece com a própria história, agindo já antes dos ritos iniciais e não se concluindo com os ritos finais, empobrecendo as celebrações e dicotomizando a vida e a fé. Com isso manifestará a única e verdadeira eficácia da liturgia: o empregar-se a comunidade no espírito e no conteúdo da celebração que leva a uma ética capaz de transformar a sociedade, a ética do bem comum e da transcendência cristã, da qual a liturgia pode-se fazer vitrine e manifestação do modo de viver normativo dos cristãos.

6. J.A. GIMBERNAT, *Predication et critique sociale*. Em *PAROISSE ET LITURGIE* 2 (1971), p. 140. Um outra reflexão importante nos apresenta R. FALSINI quando afirma que *a verdade da liturgia não surge da fiel execução e nem de uma eficácia objetiva, mas do suporte concreto de uma vida que é por si mesma oblação, sacrifício, participação ao mistério pascal de Cristo*. *La liturgia e la vita: una serie di interrogativi*. Em *RIVISTA DI PASTORALE LITURGICA* 70 (1975), p. 6.

3. CELEBRAÇÕES QUE EXIGEM TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A liturgia exige em primeiro lugar a adesão pessoal dos celebrantes, que vivem numa dimensão social da comunidade e que deve levar à transformação de todas as estruturas sociais.

Se o rito deve assumir a situação dentro da qual vive a comunidade e nunca permanecer estrangeiro a seus apelos, a natureza dos sacramentos e das celebrações nos leva a refletir sobre a exigência de transformação advinda da celebração comunitária.⁶ Presidindo a comunidade, a função deve manifestar um apelo de igualdade e fraternidade social, não apenas

para o rito, mas para a vida, pois ninguém pode pregar, edificar na unidade e servir na caridade se não celebra. Mas sobretudo ninguém pode celebrar se não for fiel à palavra, se não vive a unidade da fé e se não serve na entrega do amor⁷.

Toda liturgia passa a ser expressão de um modelo eclesiológico e de uma visão específica do relacionamento com a divindade, realizado pela comunidade. Igualmente, a liturgia revela a visão da religião sobre a humanidade, pois o modo de se relacionar com a divindade orienta a exigência da religião sobre nós.⁸

A liturgia deve manifestar a solidariedade e proclamar a libertação que Cristo trouxe e que a comunidade deve conquistar fazendo nascer e desenvolver a realidade salvífica. O povo, participando da liturgia, vai levando sua vida, cheia de sofrimento e festas, para junto da relação com Deus.⁹

A celebração e todas as expressões nela contidas, como o canto, os gestos, os símbolos, as encenações, as homilias, devem ser a expressão desta caminhada do povo, de suas aspirações, de suas lutas e conquistas. Nestes momentos, os celebrantes expressam a fé, professam o amor a Deus e aos irmãos, denunciam a morte e anunciam a libertação escatológica, em sua dimensão final, mas também na plenificação da vida cotidiana. Guiada pelo Senhor que aponta o caminho em confronto com a realidade manifestada, a comunidade toma sua história em suas mãos e este encontro exige que cada celebrante busque uma nova realidade, onde o sujeito sejam todos os homens, especialmente os pobres, que todos tenham um só Senhor e Deus e todos vivam como irmãos.

A liturgia, ao falar de exigência, deve revelar este processo de libertação da comunidade, que abre sempre mais espaço para a realização dos valores evangélicos. Ela desperta a esperança, move as aspirações rumo à plenitude, que é a efetivação na vida de tudo que ocorre e se professa na liturgia.¹⁰

Isso se evidencia de modo especial no processo de comunicação que é a janela de contato da realidade misteriosa, presente no culto, com os seus celebrantes, pois a comunicação é um fator muito importante na liturgia, enquanto exterioriza os símbolos, pois os sinais simbólicos são *um sair de si para poder viver e fazer viver*.¹¹ Estes sinais devem manifestar esta busca de libertação vivenciado pela comunidade. Por isso, toda a celebração, para que manifeste sua "exigibilidade" deve rever sua linguagem, seus símbolos, gestos, ministérios, espaços celebrativos e todo instrumental comunicador. Urge uma avaliação que confronte o conteúdo celebrativo, sua maneira de comunicação e seu objetivo dinâmico e transformador, para que o mistério pascal de Cristo seja vivenciado na história e na luta dos celebrantes, sobretudo dos mais pobres.¹²

7. D. BORÓBIO, *Liturgia y compromiso social*. Em *PHASE*, n. 181 (1991), p. 57.

8. M. SIWINSKI, *Ao amanhecer queremos cantar um canto novo*. Em *REVISTA DE LITURGIA* 76 (1986), p. 3.

9. *Ibidem*, p. 4.

10. *Ibidem*, p. 7; A este propósito, D. BORÓBIO afirma que *esta ação participada e festiva, naquilo que constitui e é para o bem comum da comunidade, não pode senão ter efeito socializante naqueles que participam, ao criar neles uma forma de ser e atuar em participação ordenada e fraterna, que necessariamente há de ter repercussões na vida*. O. cit., p. 64.

11. M. SIWINSKI, *Comunicação e participação na liturgia*. Em *REVISTA DE LITURGIA* 91 (1989), p. 3.

12. *Ibidem*, p. 3.

A comunicação deve manifestar o aspeto libertador que está no âmago da liturgia, porque está no âmago da fé cristã, que, integralmente, deve ser celebrado na liturgia. Assim, todas as palavras, na liturgia, devem expressar a Boa-Nova da salvação. A salvação proclamada na liturgia através da palavra, gestos, símbolos e toda sua composição estrutural não pode consistir numa realidade desencarnada ou puramente sobrenatural. Trata-se da salvação cristã que está essencialmente vinculada com a história da humanidade.¹³

13. J. LLOPIS, *Liturgia e Libertação*. Em *CONCILIUM* 92 (1974) p. 210.

A mensagem apresentada na liturgia será cristã somente se for mensagem de libertação segundo o modelo da liturgia histórica do povo de Israel em seu processo de libertação da opressão egípcia (cfr. Ex 13, 3-4). É inegável o vínculo entre o significado da salvação religiosa-cristã e a libertação de fato, que se faz presente na liturgia.

A negação da encarnação no tempo histórico constitui o maior obstáculo para que o valor exigido pelos sacramentos se realize e faz impossível que a proclamação litúrgica seja libertadora e una as três dimensões temporais da liturgia como sejam sua memória (passado), sua atualização (presente) e sua projeção como perspectiva de transformação (aspeto escatológico). Por esta razão, *a proclamação litúrgica da palavra corre o risco de ser confundida com relato de mitos externos e imutáveis...quando a palavra fica afogada pelo mito e perde seu poder libertador.*¹⁴

14. *Ibidem*, p. 213.

Esta deficiência na ação celebrativa foi muito sentida no passado, quando a liturgia estava cristalizada e pré-programada de maneira absoluta, perdendo sua dimensão transformadora e histórica e passando a ser uma representação mítica de eventos do passado.

No presente, busca-se uma liturgia que valorize a dimensão histórica, a partir da memorização dos eventos passados (*anamnesis*), mas que exige que nesses eventos se faça a projeção utópica da sociedade.

No que tange ao futuro, a palavra se apresenta como possibilidade utópica, como anúncio da transformação da realidade humana nos moldes dos princípios enunciados nos evangelhos. Portanto, a utopia, proclamada como possibilidade real nas celebrações, envia a realizações futuras que ficam como ideal a ser conquistado. E, independente da realização ou não dos anseios que a comunidade tem, fica sempre como foco inspirador e polo de atração para um ideal a ser conquistado. A transformação do real, com inspiração no passado, se apresenta como possibilidade e exigência que se fundamenta a partir da celebração litúrgica.¹⁵

15. *Ibidem*, p. 214-215.

A transformação total com sua libertação proclamada, porque Deus é o Senhor da história, está na esperança. E esta esperança se dá como proclamação profética da ação histórica de

Deus no passado, presente e futuro, garantindo a transformação da história em Reino de Deus. Como nos revela o Documento de Puebla¹⁶, a liturgia, para ser libertadora, consciente de seus fundamentos teológicos e antropológicos e para mostrar um Deus verdadeiro, que caminha na história e proclama a libertação dos oprimidos, deve se revelar como força em nosso peregrinar, para que leve a bom termo o compromisso libertador da Igreja, expresso em seu verdadeiro culto, na busca constante de realização plena do Reino de Deus, um reino de libertos.

16. CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, n. 918.

4. A 'COTIDIANIDADE' COMO EXIGÊNCIA DA LITURGIA

A liturgia é a síntese celebrativa do cotidiano da comunidade e um compromisso de integração com a vida, pois a liturgia a partir do evento Jesus Cristo se fundamenta na lei da encarnação, que é seu princípio, quer dizer, sua causalidade e também a sua finalização. A liturgia vai representar, por isso, a ação histórica de Jesus, prolongada e efetivada, concretamente no dia a dia do grupo que celebra.¹⁷

17. A. VANNUCCI, *Liturgia e Libertação*. Em *REVISTA ECLÉSIASTICA BRASILEIRA* 35 (1975), p. 581. Segundo F. SOTTOCORNOLA o mistério de Cristo é um "evento" que se torna memória e que denuncia os fragmentos da existência humana, que são recapitulados por Cristo (Ef 1, 10) e que se presentifica na liturgia de cada dia, que a comunidade celebra. *Celebrare l'unico mistero di Cristo*. Em *RIVISTA LITURGICA* 64 (1977), p. 338.

18. J. DOURNES, *L'Offrande des Peuples*. Paris, 1967, p. 67-74, citado por A. VANNUCCI, o. cit., p. 581.

De fato, é por esta aliança que uma comunidade se encontra como grupo celebrante, que firma, entre si e com a participação da divindade, um pacto ou aliança, que permite pleitear a proteção da divindade, bem como exige que a comunidade seja fiel à sua promessa de cumprimento das exigências definidas no ato de pactuar.¹⁸

No caso específico da fé cristã, há a promessa explícita de Jesus Cristo, que promete permanecer com sua comunidade, na liturgia e na extensão dela, que se dá na vida, até o final dos tempos (cfr. Mt, 28, 20). E, em termos de Igreja latino-americana, desenvolve-se a teologia do Deus que vem participar do sofrimento do povo, conforme o modelo do povo hebreu no Egito, quando Javé desceu de seu santuário para libertar o seu povo, ao sentir tristeza, frente ao grande sofrimento e opressão desta comunidade da Aliança.

A liturgia celebra o mistério pascal de Cristo, assim como celebra o mistério pascal do povo. E o mistério pascal de Cristo não é apenas a sua ressurreição, que é a feliz vitória final e nossa esperança. Não é apenas sua morte e ressurreição, pois a sua morte foi o ápice de uma caminhada de dor e sofrimento, que representa os momentos de agonia, morte e desesperança do povo. Nem, tampouco, é apenas sua paixão, pois a vida não é apenas paixão, sofrimento e cruz. A vida vai muito além, pois o mistério pascal é muito mais elevado, implicando morte e vida, grandes momentos da existência pessoal e comunitária, bem como toda ação importante que compõe o cotidiano da vida.¹⁹

19. Segundo B. BOBRINSKOY, a liturgia parte de uma experiência pessoal e deve romper a fronteira entre o momento do rito e a vida de cada dia, devendo alargar o domínio da liturgia e fazer com que ele cubra toda a existência dita "profana" do ser humano. *Liturgie et vie quotidienne*. Em *Liturgie, spiritualité, cultures*. Roma, CSS, 1983, p. 42-43. A este propósito, podemos complementar com D. BOROBIO que afirma que a liturgia do homem novo é uma liturgia nova, na qual o centro não se coloca mais nos atos rituais-cultuais, mas na própria vida (o cotidiano existencial) que nasce de Cristo e do Espírito e enche de sentido a mediação cultural. O. cit., p. 61.

20. Atualmente defende-se com maior insistência que o rito autêntico deve reconhecer explicitamente o compromisso de unir a liturgia com os fatos da vida (sócio-política) e superar o dualismo enraizado entre fé religiosa e existência cotidiana. Podemos citar: G. GEVAERT, *La dimensione antropologica dei riti cristiani*. Em AA.VV., *Fede e rito*. Bologna, 1975, p. 60 e ainda G. PIANA, *Rito, fede e vita cristiana*. Em RIVISTA LITURGICA 64 (1977), p. 295.

21. A. VANUCCHI, *o. cit.*, p. 584. A idéia de que a liturgia deve consagrar a vida, além de manifestar os elementos doutrinários pode ser analisada em muitos autores litúrgicos pastorais. G. PIANA, por exemplo, afirma que a liturgia deve imergir-se na concreteza da realidade. *O cit.*, p. 296.

22. I. BUYST, *A Pastoral Litúrgica*. Em REVISTA DE LITURGIA 92 (1989), p. 36.

23. G. LUTZ, *Louvações populares*. Em REVISTA DE LITURGIA 74 (1986), p.26.

Cada ato da vida tem relação e participa da composição do todo existencial de uma pessoa, de uma comunidade ou de uma sociedade. E a liturgia, como a sinfonia, traz ao culto toda essa realidade da vida, transformada em prece de santificação e louvor, ou melhor, no encontro entre Deus e a comunidade, que denominamos celebração. Deus participa com sua divindade e o ser humano com sua humanidade, num encontro vertical e horizontal, que congrega toda realidade e a apresenta como holocausto à divindade, que a consagra e a pereniza.²⁰

Na liturgia, os celebrantes coerentes de suas lutas e seu dever unem estes elementos vitais à vida do próprio Cristo, vivificando estes elementos na liturgia. A liturgia verdadeira insere sempre sua reflexão na realidade da vida e do mundo circunstancial, onde toda comunidade celebrante compartilha da história global da humanidade. Afinal, a liturgia não tem um fim em si mesma, não é um culto que se realiza por si mesmo, mas se justifica apenas como síntese da vida de fé e como serviço comunitário prestado a Deus, criador e senhor da vida. Por isso, a liturgia deve não apenas exprimir os horizontes últimos da fé, mas comprometer cada fiel na vida de cada dia, o que dará às celebrações uma dimensão mais participativa.²¹

A liturgia tem necessariamente dois pólos: a tradição litúrgica, com toda sua representação misteriosa e o grupo de pessoas que está celebrando e que apresenta sua vida como enriquecimento e conteúdo atualizado e atualizante desta tradição.²² Isso dá à liturgia uma dimensão popular existencial que no continente latino americano lhe dá um rosto muito peculiar definindo-se por um compromisso de interação com os fatos da vida e o mistério celebrado. Isso leva a uma conscientização dos participantes do culto pela análise da relação existente entre a prática cotidiana e as promessas presentes, como conteúdo bíblico-catequético.²³

Desta visão teológico-litúrgica brotam novas dimensões que abrem-se para os diferentes estilos de celebrar como acontece com a liturgia da terra, onde a vida se apresenta de forma peculiar como a valorização da existência no campo, na natureza, dos símbolos ligados ao povo da roça, aos problemas agrários, à partilha dos bens naturais. A liturgia manifesta, então, a gratidão para com os bens ofertados por Deus e profetiza a necessidade de fraternidade, de reconhecimento do trabalho braçal, de valorização do lavrador, dos bóias frias, de suas vidas. Como Deus se encarnou na família pobre de Nazaré, a liturgia revela sua encarnação na vida deste povo simples, onde, assim como a enxada e a foice e o grão vão para o culto, o culto pede espaço para acontecer na vida do povo. Cada instante, onde se vive o que a liturgia preconiza, apresenta-se como um momento

litúrgico verdadeiro. A história se faz presente com sua tradição e a cultura da vida do campo, num trabalho criativo de arte que é a manifestação do poder inovador do ser humano.²⁴

Sendo assim, a liturgia vai se apresentar como a celebração da vida, pois a vida entra na liturgia e a liturgia entra na vida. E essa relação com a vida, no pensar do liturgista A. Haddad, apresenta-se de modo duplo quer seja, como memorial enquanto retoma gestos e palavras do Senhor em sua ação histórica ou como salvação que acontece ainda atualmente nas expressões de vida, nas lutas, sofrimentos, opressões, organizações e conquistas que são espaços privilegiados de manifestação da vida da comunidade reunida para celebrar.²⁵

— Não se perde, na celebração a partir da vida a dimensão escatológica, pois nas celebrações se manifestam as lutas, organizações, utopias, caminhadas, penitências, ações de graças, numa visão de esperança e numa ótica relacional com o Deus da vida, que promete o cêntuplo e mais a eternidade.

— São estas as dimensões novas da nova liturgia: quando celebramos a vida, estamos celebrando Deus. Não se pode permitir uma liturgia que separe fé e vida, pois a vida é um dom de Deus, que se faz oblação na liturgia. Assim, na luta pela vida, histórica e transcendental, estamos praticando obra de justiça e de amor. Estamos cultuando Deus. Estamos praticando Deus.²⁶

— No interior desta luta manifesta-se Deus que é o centro da liturgia. Mas não está sozinho. Traz consigo toda a humanidade, preferencialmente os mais sofridos, os mais desprezados, os mais oprimidos. E trazendo consigo a humanidade, a vida desta se torna matéria prima da celebração. E desta celebração nasce a vida nova, que a liturgia preconiza. E preconizando nova vida, a liturgia estende-se nos meandros cotidianos da existência humana. Toda vida torna-se, nesta relação bi-polar (Deus e humanidade ou mistério e realidade), uma ação litúrgica perene.

5. ENCARNAR CULTURAS E O DRAMA DOS POBRES

— A Liturgia deve encarnar uma demonstração provisória do Reino de Deus, dentro das culturas, pelo processo de inculturação que é, segundo A. Chupungco, *o processo pelo qual os textos de ritos usados no culto da igreja local estão de tal modo inseridos na estrutura da cultura, que absorvem seu pensamento, sua linguagem e seus modelos rituais*²⁷. Isso possibilita profetizar um reino sem desigualdades, com direitos iguais, com valorização das culturas oprimidas. Isso deve ser expresso através do ato de converter em sujeito da liturgia as camadas mais pobres, que na sociedade civil são usados como servos dos pode-

24. J. MARRASCHIN, *A liturgia da terra*. Em *REVISTA DE LITURGIA* 112 (1992), p.102.

25. *Celebração, entre utopia e realidade*. Em *VIDA PASTORAL* 143, (1988) p. 21.

26. B. FERRARO, *Culto e realidade do trabalhador*. Em *REVISTA DE LITURGIA* 63 (1984), p. 5.

27. *Liturgias do futuro: Processos e métodos de inculturação*. São Paulo, 1992, p. 38.

28. L.G. CARVAJAL, *A causa dos pobres, causa da Igreja*. São Paulo, 1987, p. 70-73.

29. M.B. SOUZA, *Celebrar a luta pela vida*. Em *VIDA PASTORAL* 143 (1988), p. 5. Um dos textos assim se expressa: *Defender, segundo o mandato evangélico, os direitos dos pobres e oprimidos, urgindo a nossos governos e classes dirigentes que eliminem tudo o que destrua a paz social: injustiça, inércia, venalidade e insensibilidade. Assim, denunciar energeticamente os abusos e injustiças entre ricos e pobres, entre os poderosos e fracos, favorecendo a integração.* (cf. CELAM, *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*, 2, 23-24. 30. *Ibidem*, p. 5. O Documento de Puebla (n. 1142 revela os rostos latino-americanos, que serão retomados na Conferência de Santo Domingo (n. 25-37) e mostram a necessidade de solidariedade verdadeira e urgente com a multidão de pobres neste continente: Temos, assim descrito: "...Por isso Deus toma sua defesa e os ama. Assim é que os pobres são os primeiros destinatários da missão e a sua evangelização é o sinal e prova por excelência da missão de Jesus.

31. CELAM, *Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã, Jesus Cristo ontem, hoje e sempre*, n. 178; cf. CELAM, *Documento de Trabalho*, n. 163.

32. H. ASSMANN, *Trabalho urbano, vida urbana e liturgia*. Em *REVISTA DE LITURGIA* 103 (1991)p. 29-30. O autor afirma que *no começo deste século, menos de 20% da humanidade vivia em cidades e na maioria dos países do Terceiro Mundo, apenas 10%. Hoje, 70% dos latino americanos vivem em cidades. A previsão é de que, no ano 2000, quatro quintos da humanidade, uns 80%, vivam em espaços urbanos. Além disso, por causa da intensificação e universalização das comunicações eletrônicas, com suas mensagens geradas quase exclusivamente em contextos urbanos, o predomínio dos padrões de comportamento urbanos será quase absoluto.* Portanto, obvio

rosos e que representam as vítimas primeiras da caotização do sistema. Deve gritar por uma liberdade integral do ser humano, vivida na história, onde o espaço real é o ponto mais evidente desta visão litúrgica. Uma liturgia que uma *ortodoxia (o mistério)*, com a *práxis* (ação refletida da comunidade na realidade), proporcionando uma ortopráxis litúrgica que evidencie os vários elementos da visão cristã e eclesiológica, manifestando a opção da Igreja, que fora antes uma opção de Jesus, pelos mais fracos e desprezados.²⁸

Esta manifestação de amor e de apreço da Igreja de Jesus Cristo pelos mais fracos, dá-se com evidência a partir das Sagradas Escrituras e é explicitada nos documentos do magistério episcopal latino-americanos, como Medellín, que reconhece que Cristo sofre com as dores do povo, morrendo em suas mortes e lutando para vencer o sepulcro em suas lutas por vitórias.²⁹ Ocorre também em Puebla, em cuja pregação querigmática, o rosto de Cristo transparece nos rostos de crianças, jovens, índios, pobres e oprimidos, que se tornam o sujeitos da liturgia, que deve manifestar o espaço de afirmação e de profetismo da Igreja desvinculada dos poderosos e vinculada com os pobres, tão queridos nas páginas evangélicas.³⁰

Igualmente, na Conferência de Santo Domingo, mostra-se que o pobre revela o rosto de Jesus e pede-se que a liturgia manifeste igualmente este rosto, para ser sinal evidente da autenticidade das celebrações e manifestação de sua missão catequética.³¹

Portanto, toda liturgia na América latina deve manifestar este rosto eclesial e sua preferência, através da valorização dos pobres, das culturas oprimidas e dos movimentos populares. A liturgia torna-se um espaço de exposição desta visão eclesial e da veracidade desta posição evangélica da fé cristã.

Um novo elemento litúrgico na vida latino-americana é a chamada "cultura urbana". O crescimento urbano, influenciado pelos meios de comunicação social e pela exploração do ser humano, apresenta novas características que devem ser assumidas e vivenciadas na liturgia. Devem aparecer por um lado, a tradição que ainda está presente na alma dos novos cidadãos urbanos e, por outro lado, os símbolos, gestos e linguagem aportados à vida comum pelo novo modo de viver, sobretudo dentro de camadas sofredoras e marginalizadas.³²

Torna-se necessário buscar um desenvolvimento que faça a liturgia ser a expressão viva do cotidiano destas populações transformadas que na América Latina chegam a ser 70% da população de todo continente. Daí a necessidade de desenvolver imediatamente uma antropologia cristã da vida urbana e, com base nesta, desenvolver uma liturgia que lhe seja peculiar.

É mais uma situação onde a massa não sabe como agir e onde minorias, que são tratadas como tal, devem caminhar para na verdade serem grupos significativos e que exigem respeito para serem assumidos como grupo social dentro da Igreja e da liturgia.

Chama-se a atenção dos líderes comunitários, programadores da liturgia para que desenvolvam ritos litúrgicos específicos para as comunidades que as façam inserir-se no mundo dos ritos e na mensagem evangélica vivificada pela liturgia, num confronto com sua cultura urbana. A cultura serve-se da comunicação e produz a liturgia, a partir do mistério celebrado.³³ Essa aculturação acontecerá com a participação ativa de toda comunidade no ato de criar a liturgia através da participação ativa dos mais simples que se tornam o sujeito da liturgia. Cria-se uma Igreja feita do povo, cujo povo (suas culturas, seu jeito de ser, seu ser antropológico) cria, então, a liturgia por meio de seu universo simbólico significativo.³⁴ Assim, na liturgia, a concepção da vida do povo será uma marcha, passando a vivenciar as dores do Cristo, sua paixão, morte e ressurreição na vida da comunidade cultural, na busca de sua ressurreição histórica e transcendental. Os elementos culturais serão sempre o instrumento capacitador desta liturgia.³⁵

O processo da inculturação deve dar-se sempre para que se evidencie a importância do valor exigitivo das celebrações. Entre os passos a destacar está em primeiro lugar a observação da realidade, naquilo que lhe é peculiar. Trata-se de evidenciar o que causa emoção, o que chama a atenção e o que tenha significado comunitário, passando pela intimidade do grupo.³⁶ O segundo passo é o diálogo com todos os representantes da cultura a ser celebrada, conhecendo seus anseios, frustrações, mitos e expressões culturais herdadas. O terceiro é uma análise introspectiva destes elementos, colocando-os num confronto com a mensagem evangélica, para reconhecer de que modo a história dessa gente se apresenta como sua "história da salvação", onde se degladiam a vida e a morte e onde a presença de Deus se exalta mais fortemente.

Por fim, por associação de idéias, devem-se ligar elementos da vida analisada em todas as dimensões com gestos próprios e passagens evangélicas afins, para que se faça, a partir da mensagem cristã, a celebração da cultura do grupo celebrante.³⁷ Assim, e somente assim, todos estes elementos vão ser vivenciados e colocados na dimensão religiosa, podendo exigir uma transformação da vida da comunidade, que é o que a liturgia requer. Tendo sido válida porque trouxe todos os elementos místéricos e existenciais, exige que seja fecunda através da encarnação do evento celebrado, que anuncie e faça crescer a fé e responda às ansiedades da sociedade de nosso tempo por meio de sua sim-

se torna dizer e necessário se torna realizar, que a liturgia deverá mudar seu rosto, na busca do entrosamento com esta nova realidade e na expressão desta mensagem, através de seu instrumental celebrativo.

33. M. BONATTI, *Liturgia, comunicação e cultura*. Em *REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA* 36 (1976), p. 588.

34. Conforme M. D. CHENU, *O símbolo não é um ornamento acessório do mistério e nem mesmo uma pedagogia provisória, mas a fonte "coessencial" da sua comunicação. Tal é a profundidade da inserção psicológica e ontológica do símbolo ritual no mistério*. *Anthropologie de la liturgie*. Em AA.VV., *La liturgie après Vatican II*. Paris, 1967, p. 174, citado por G. PIANA, *Rito, fé e vida cristiana*. Em *RIVISTA LITURGICA* 64 (1977), p. 292.

35. M. BONATTI, *o. cit.*, p. 589.

36. Para G. PIANA, é a tomada de consciência da essencial historicidade do ser humano que determina a necessidade de historização do próprio simbolismo religioso, que envolve todo arsenal sagrado de cada cultura. *O. cit.*, p. 293.

37. G. ORTIZ, *Os símbolos na homilética urbana*. Em *VIDA PASTORAL* 153 (1990), p. 36-37.

38. L. VEGAS, *Para una lettura del termine "creatività" litúrgica*. Em AAVV., *Celebrare il mistero di Cristo*. Bologna, 1978, p. 199.

bólica cultural.³⁸ Para nós, além de propiciar uma liturgia autêntica, na qual o grupo celebrante possa participar verdadeiramente como sujeito e não apenas como espectador, a celebração que valoriza as culturas deve ser o gancho entre seu momento celebrativo e a vida prática, fazendo com que tudo o que for celebrado seja, após, vivenciado. Expressa-se novamente o valor exigitivo da celebração: que o elemento celebrado não seja estagnado no ritual, mas que leve a um comprometimento da cerimônia com a vida do grupo, pois a celebração dinamiza-se na vida do grupo celebrante.

6. UMA LITURGIA DINÂMICA INCORPORA VALORES DOS GRUPOS MINORITÁRIOS

39. F.L.C. TEIXEIRA, *A Fé na vida*. São Paulo, 1987, p. 179. Outros autores demonstram a especificidade do culto cristão, que podem ser fiéis ao projeto evangélico, sem cair na ideologização. D. SARTORE destaca três pontos desta especificidade: 1. Do ponto de vista antropológico, quando a celebração deve ser uma ação simbólica; 2. Do ponto de vista cultural, que abre a celebração à criatividade, adaptação e revisão da linguagem; 3. Do ponto de vista da comunidade concreta, que relaciona o mistério com a comunidade concreta. Estes pontos possibilitam que a liturgia seja o reflexo da vida cristã da comunidade. *Celebrazione e impegno*. Em AAVV., *Celebrare il mistero di Cristo*. Bologna, 1978, p.164. D. DUFRASNE defende que a liturgia para ser fecunda deve brotar de uma prática justa e de um interesse prático da comunidade celebrante. Para ele, a liturgia não se reduz a um meio ordenado a um fim, mas deve perseguir até o fim um projeto cristão no processo de libertação, que dá veracidade e importância à liturgia. *Des célébrations de la politique ou des militants que célèbrent?* Em *COMMUNAUTÉS ET LITURGIES*, 6 (1975), p. 514.

40. F.L.C. TEIXEIRA, *o. cit.*, p. 180.

Com as reflexões que buscam repensar os conceitos e os elementos litúrgicos, evidencia-se que todos os valores fundamentais da cultura, religiosidade e modo de ser dos grupos chamados minoritários, devem ser elementos instrumentais para a realização da liturgia. Somente assim as celebrações poderão ter a dinamicidade relacionada com a própria vida dos participantes das celebrações, no confronto com o mistério salvífico ou mistério pascal da liturgia cristã.

Um dos espaços onde se destacam mais fortemente as várias religiosidades dos grupos de minorias sócio-eclesiais são as comunidades eclesiais de base. Nelas, as celebrações da fé e a prática sacramental explicitam sempre uma dimensão comunitária, desde a oração até a manifestação dos ritos e ritmos celebrativos.³⁹

E quando a liturgia destaca estes grupos de minorias, que na maioria das vezes são altamente representativos, quantitativa e qualitativamente, não produz, por certo, um enfraquecimento da prática ritual e nem mesmo se pode dizer a que fé sofre algum tipo de ideologização. Ao contrário, a liturgia mostra seu enlace com a vida, provando uma dinamicidade que supera a imobilidade das liturgias meramente ritualísticas que acabam com a despedida, sem um antes ou depois ligados com os elementos celebrativos.

Do outro lado, as celebrações que acontecem nos grupos mais ligados à comunidade dos pobres estão continuamente envolvidas e banhadas na realidade evangélica.⁴⁰

A experiência vivenciada pela fé, na vida cotidiana - trabalho, lazer, família, participação social em geral - vai dar um real dimensionamento da presença e do significado de todos os ritos e símbolos presentes na caminhada, como podemos confirmar com a visão celebrativa de G. Gutiérrez que diz: *não existe lu-*

gar na América Latina onde se reze com mais fervor e alegria, em meio ao sofrimento e luta diária, do que nas comunidades cristãs inseridas no povo pobre.⁴¹

Nelas o espaço celebrativo torna-se profético (e este é um valor exigitivo dos sacramentos), porque denuncia as diferenças sociais e anuncia a fraterna solidariedade, pois a participação visa sempre ser, apesar das diferentes funções, igualitária, pela comunicação da palavra, pela partilha e comunhão, pelo enternecimento para com os miseráveis. Este modo de celebrar pode repercutir na vida da comunidade, colocando o ideal igualitário como utopia da caminhada diante da comunidade em confronto com Deus.

Portanto, as celebrações devem nascer da experiência dos grupos minoritários, seus valores, seus anseios e deve refletir com coesão estes valores, pois representam a possibilidade do fortalecimento e crescimento da comunidade.⁴²

Assim, os grupos celebrantes, específicos em seu modo de viver sua cultura e sua fé, externam com grande criatividade os símbolos litúrgicos, manifestam vivacidade e fecundidade para que a fé celebrada seja realmente vida, como uma dimensão da celebração, ou seja, seu valor exigitivo. A liturgia quer os princípios celebrados, os princípios de fé e os princípios éticos sejam vivenciados pela comunidade, assim como a comunidade exige que a sua caminhada transpareça em sua celebração. Incluem-se os símbolos preciosos para o povo, como gestos, música, poesia, encenações, caminhadas e todo tipo de manifestação dos grupos, sejam eles grupos de índios, negros, caboclos, caipiras, gaúchos, pescadores, urbanos, etc. Estes grupos minoritários que, como dissemos, podem ser grupos grandes e até mesmo majoritários na sociedade, representam-se como grupos étnicos, grupos sociais, grupos culturais e assim por diante.

Nas celebrações cada momento é consagrado como um momento de integração do grupo e sua afinidade com o mistério de Cristo que é o ponto de referência das celebrações. Os instrumentos de trabalho, de lazer, de estudo, de utilidade na vida são os instrumentos que manifestam a esperança, a alegria, bem como o sofrimento do grupo como sujeito da celebração. Na celebração, a esperança humana, manifestada peculiarmente pela cultura, religiosidade e gênio do sujeito da celebração, adquire uma dimensão transcendental na sua realização com a divindade e na sua elevação como pertença da história a Deus.⁴³

Portanto, a linguagem é e deve ser a linguagem propícia e originária do povo celebrante, que possibilita uma criação litúrgica sempre dinâmica e com ligação fundamental com a existência do grupo celebrante.

41. G. GUTIERREZ, *Beber do próprio poço*. Petrópolis, Vozes, p. 34.

42. J. GÉLINEAU afirma que se a liturgia não é a representação simbólica e celebrativa de alguma realidade atual, ela é insignificante. Atualmente se repugna uma apresentação mais transcendentalista da liturgia que aparece como uma celebração caída de para-quedas, como se a comunidade não houvesse nada a receber que não estivesse tudo pronto, afinal a revelação não consiste em verdades eternas caídas do céu, mas a descoberta da vontade de Deus para o momento histórico presente. E é isto que a liturgia deve celebrar. *Célébration et vie*. Em *LA MAISON DIEU* n. 106 (1971), p. 10.

43. F.L.C. TEIXEIRA, *o. cit.*, p. 185.

Estes grupos, na medida de sua participação e comunhão enquanto grupo específico, mas que visa celebrar o mistério pascal, tornam-se o novo rosto da liturgia que procura celebrar dinamicamente e fecundamente uma fé que tem plena relação e envolvimento com estes grupos que se reúnem, pela fé, ao redor de Cristo.

Um dos exemplos, onde a liturgia se faz dinâmica na vida dos celebrantes, é a oração com grupos negros. A liturgia leva sempre a um compromisso de incorporação da causa sócio-cultural e econômica dos participantes, que farão as liturgias mais significativas para os cristãos de hoje, manifestando a relação com a vida concreta e animando esta própria vida comunitária.⁴⁴

Para além da dimensão folclórica, a celebração do grupo étnico negro não pode prescindir do chocalho, do pandeiro e do atabaque, que por certo estão na alma e no gênio cultural do povo, assim como o acordeão está na alma do povo gaúcho e a viola está na alma do sertanejo. Assim, como a celebração exige que este povo celebrante viva as dimensões éticas da fé celebrada, a caminhada do povo exige que estes elementos culturais adentrem o espírito da liturgia, o que de fato ocorre de modo sempre mais intenso e freqüente.⁴⁵

Pode-se dizer que *a marca de qualquer comunidade negra é o testemunho diário de fé no Senhor da criação. Outro momento onde a fé é sinal visível é o mundo do trabalho.*⁴⁶

Assim, necessariamente, estes elementos devem ser externados na celebração e devem representar um momento da vida, num ato específico de confronto e prestação de contas das ações cotidianas na dimensão da experiência cristã.

Portanto, a vivência da fé dos grupos de minorias está relacionada a toda a simbologia que faz parte do universo cultural daquele povo étnico, social ou cultural em questão. Todo tipo de ritualismo serve de instrumento e matéria prima para a edificação da fé, numa atitude celebrativa, pela qual o povo negro, bem como outros grupos específicos, fazem seu diálogo com Deus e com a comunidade maior, representada pela Igreja ou pela sociedade. E na vivência destes sinais dentro da liturgia, manifestam-se sinais do Reino, tantas vezes ignorados por muitos.⁴⁷

Deste modo, os elementos constitutivos do culto negro mostram a valorização dos elementos naturais como a terra, o ar, a vegetação, que são elementos que se fazem tangíveis na celebração dos terreiros ou espaços mais próximos da natureza.⁴⁸

No caso específico da cultura negra como exemplificação da necessidade de unirmos a celebração com a sua dinamicidade existencial, podemos citar dois elementos fundamentais, que são a celebração da vida: luta pela liberdade, recuperação

44. J. GÉLINEAU, *o. cit.*, p. 15.

45. M.R. SILVA, *Celebrar a partir da realidade do povo negro*. Em VIDA PASTORAL 139 (1988), p. 27.

46. M.R. SILVA, *o. cit.*, p. 27.

47. M.R. SILVA, *op. cit.*, p. 28.

48. A.A. SILVA, *A comunidade negra e o espaço da celebração litúrgica*. Em REVISTA DE LITURGIA 75 (1986), p.20.

da sua identidade como povo, respeito ao seu universo religioso e cultural e, em segundo momento, a necessidade de se fazer assumir na pluralidade, no respeito a seus direitos e ao apelo de fraternidade com os outros povos.⁴⁹

Portanto, as celebrações dos grupos de minorias sociais dentro da Igreja possibilitam o encontro deste grupo com Deus, sendo que sua cultura, seus símbolos próprios, seu gênio peculiar servem de instrumentos para a realização deste encontro. Eleva-se a necessidade da fecundidade da celebração, pois esta celebração será fecunda na medida em que em seu seguimento espaço-temporal se realizar ou entrarem em processo as transformações exigidas pelo grupo celebrativo.

Dentro dessa conquista de espaço pelos grupos de minorias, tomados aqui como grupos discriminados, destacamos a participação da mulher dentro das celebrações. De fato, na medida em que os fiéis vão adquirindo maior possibilidade de participação, a mulher vai abrindo também seu espaço simbólico de manifestação de seus anseios, em sintonia com a vida cotidiana, ocupando assim espaços reais de participação, não apenas a nível simbólico, mas a nível existencial mais profundo.⁵⁰

Assim, o Espírito sopra onde quer e há de suscitar a descoberta de novos espaços para o feminino dentro da liturgia, pois, se a liturgia caminha do ritual para a vida, trazendo exigências de participação, de outro lado, ela vai também de fora para dentro, incitando a mudanças nos elementos ritualísticos. Portanto, as liturgias nas práticas das mulheres são realmente cume e fonte para sua fé e para sua pertença à Igreja, de forma plena e radical e não apenas superficial e paralela.⁵¹

Como exemplificamos, os valores exigitivos das celebrações, através dos casos específicos do feminino e do negro, poderíamos e deveríamos ter presentes outros grupos que exigem, por si mesmos, que seu espaço, bem como as consequências da utilização deste espaço, gere uma prática renovada para a Igreja e para a sociedade.

Em verdade, sem valorizar os elementos fundamentais das minorias que constituem os grupos mais fortes e significativos do povo cristão, é muito difícil ou talvez mesmo impossível para falar em fecundidade dos sacramentos e sua dinamicidade, pois somente quando os elementos constitutivos do grupo celebrante são colocados em evidência ou em questão, eles podem transformar e podem envolver todo o grupo, para que busque, de fato, viver a liturgia na seqüência da vida, pois a validade não significa a consumação do sacramento, já que esta nos vem pela realização na vida da comunidade de tudo quando foi oferenda no ritual.

49. M.R. SILVA, *o. cit.*, p. 28.

50. M.C. BINGUEMER, *Alegrias (Lc 15, 8-10) ou o futuro da mulher na teologia da libertação*. Em *REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA* 48 (1988), p. 585.

51. A.M. TEPEDINO, *Liturgia na ótica da mulher*. Em *REVISTA DELITURGIA* 102 (1990), p. 172.

52. A importância social da liturgia. Em *CONCILIUM* 92 (1974), p. 180.

53. R. GIBELLINI, *Il Vespro politico*. Um experimento di liturgia politica. Em *RIVISTA DI PASTORALE LITURGICA* 76 (1976), p. 54. Esta mesma relação entre ação litúrgica e política é apresentada por J. HERNANDEZ-PICO, a partir da demonstração da dimensão política da fé. *Foi et politique*. Em *LUMEN VITAE* 28 (1973), p. 378; e por M. VELASQUEZ que demonstra que não existe fé autêntica e viva sem uma dimensão política e uma esperança escatológica e comunitária. *Foi, espérance et action politique*. Em *LUMEN VITAE* 28 (1973), p. 400.

55. H.B. MEYER, *o. cit.*, p.183.

Partindo de uma afirmação muito ousada de H. B. Meyer, a qual diz que *sem o culto, o mundo e a sociedade estariam entregues à ruína*⁵², podemos nos perguntar qual a importância do culto para a sociedade, qual a relação que a sociedade tem com as celebrações e qual o inferimento do culto no universo político, pois toda dinâmica do serviço político deve indicar uma possibilidade concreta de transformar a sociedade⁵³.

A história torna-se, assim, na comunidade, nos fatos reais, nas circunstâncias, nos sofrimentos e esperanças, o grande templo onde a liturgia acontece. Conclui-se ser legítima a influência exercida pelas realidades sociais e culturais sobre a liturgia. O espírito e a atitude dos cultos são expressão da forma interior do estilo de uma época.⁵⁴

Nas comunidades étnico-cristãs dos tempos primitivos, era desde o princípio socialmente importante a decisão pela fé, pois havia uma profunda relação entre celebração e os acontecimentos sociais. Cada vivência litúrgica se inseria na mentalidade crente e esta relação com o divino questionava radicalmente todo espaço vital da comunidade, seja a nível pessoal, seja também no familiar e estrutural-social. Um dos fatores que propiciava o crescimento da comunidade cristã era a síntese entre o ser social e o ser religioso dos novos convertidos, que se encontravam na liturgia. Depois, com o grande rompimento que se deu entre a sociedade e a religião, sobretudo no aspecto litúrgico, procura-se novamente este crescimento através das relações entre culto e vida social e comunitária, que tem bases bíblicas (1Cor 16, 1-4; 2 Cor 8,9; Rom 15, 15-28). No verdadeiro cristianismo deve haver uma relação consciente entre a oferenda do altar e a oferta da vida, pois ambas se encontram intimamente ligadas na encarnação do Verbo. O culto público deve garantir a vivência social solidária dos cristãos e engajá-los na transformação do mundo. E denunciar quando não se realiza este comprometimento que a liturgia exige da maturidade dos celebrantes.⁵⁵

Essa tensão acompanha a Igreja e não deve abandonar sua reflexão, pois enquanto houver injustiça, não houve plenitude de conversão, enquanto não houver engajamento na causa evangélica, não houve plenitude de confirmação da fé, enquanto liturgias não simbolizem o verdadeiro compromisso, não houve plenitude do sacerdócio cristão, enfim, enquanto não houver fraternidade e solidariedade, as nossas eucaristias serão incompletas.

Os ritos são exigitivos, na medida que profetizam transformações sociais e estas transformações são derivadas do conteúdo posto na celebração.

De certa forma, um bom rito é sempre eficaz por si mesmo, pois representa elementos da fé vivenciada. Entretanto, a graça sacramental passa a ser algo que vem simplesmente com a realização teatralizada do rito, pois isso seria um ato mágico. Precisa, com certeza, do envolvimento da fé e da verdade como engajamento para que, elevada pelo espírito crente, possa fazer a graça acontecer, ou melhor, abrir espaço para que a graça se edifique numa comunidade aberta ao mistério que realiza em si.

Os ritos não apresentam apenas os conflitos, as tensões e mesmo os dramas sociais. Mas nas celebrações eles propõem para serem rezados, ofertados a Deus, iluminados pela fé e para, à luz dos princípios vitais da presença divina na celebração, buscar caminhos de transformação. O fato não deixa de ser problemático, já que a ideologia e a obscuridade da análise social pode manipular a celebração. Embora não seja tão simples na prática, basta que os critérios básicos de análise social sejam aqueles evangélicos e a inspiração seja sempre o amor de Deus por toda a humanidade, especialmente pelos pobres, e a labuta histórica (como modelo) para libertá-los, numa relação entre templo e história, governo divino e governo do mundo, entre Reino dos Céus e Reino de Deus Histórico. Este culto vai profetizar a grande harmonia que a ordem social pretende ser e que era o projeto de Jesus: instauração do Reino e celebração da vida divina na vida da humanidade, pois os cristãos se reúnem para celebrar os grandes mistérios da redenção cristã e devem encontrar a possibilidade para exprimir o confronto com sua vida social, com a força salvífica da palavra e da ação de Deus.⁵⁶

Quando as celebrações são ligadas com as relações sociais e suas modificações, elas se tornam a expressão dos acontecimentos vitais das pessoas e das comunidades, marcando sempre, como um momento salvífico, as passagens vitais dos sujeitos celebrantes.⁵⁷

O mistério de Deus encarnado em Jesus exige que a comunidade faça com que os sacramentos e toda celebração cultural vivam na realidade social, que é uma extensão sua, pois não pode haver dicotomia entre mistério celebrado e vida real, já que os sujeitos ativos são os mesmos: os indivíduos reunidos para vivenciarem uma relação cristã e para expressá-la como forma de evangelização para o mundo, desmistificando os três maiores ídolos que se opõem ao Reino de Deus: a absolutização do ter, do poder e a auto-suficiência do homem histórico, para que o celebrar seja a libertação a partir da ação divina na história.⁵⁸

É preciso ter coragem, aceitação do coletivo, capacidade de suportar e superar riscos das decisões e utilização da palavra com responsabilidade e coerência, pois a celebração é um dom gratuito de Deus que amadurece e abre as consciências

56. *Ibidem*, p. 195.

57. G. GEVAERT, *La funzione umanizzanti delle celebrazioni cristiane*, Em RIVISTA LITURGICA 64 (1977), p. 326.

58. G. FOUREZ, *Os sacramentos celebram a vida*, Petrópolis, Vozes, 1984, p. 24.

59. G. GEVAERT, *o. cit.*, p. 329.

60. G. FOUREZ, *o. cit.*, p. 148.

61 G. FOUREZ, *o. cit.*, p. 149.

62. B. FERRARO, *Rezar a vida é praticar Deus*. Em *REVISTA DE LITURGIA* 63 (1984)

63. E. LODI destaca, quanto aos textos litúrgicos dentro do Missal Romano, quatro dimensões éticas da fé, que por sua vez podem ser aplicados para toda liturgia da Igreja: 1. a justificação daqueles que, por graça, passam do estado de miséria e impiedade ao estado de justiça e felicidade; 2. a estabilidade da fé na encarnação de Jesus Cristo, que representa a adesão às verdades reveladas e à eficácia das obras ou da bondade das ações; 3. a integridade da fé, que se manifesta dentro do ser humano e 4. a dimensão existencial e vital da fé. Estes elementos servem de base para uma análise da ação humana, a partir de um comprometimento com Jesus Cristo. *L'ideal étique dans le Missal Romain*. Roma, CSS, 1991, p. 194

humanas para um viver social liberto, dinâmico e significativo, onde as expressões simbólicas sigam a dinâmica da tradição e evoluam tanto quanto for preciso para atingirem sempre mais o âmago de seu conteúdo.⁵⁹

É preciso ter coragem para aceitar e assumir que, por seu valor exigitivo, tanto os sacramentos quanto as celebrações penetrem e manifestem o conflito e a contradição constante presentes na vida, numa busca escatológica de aperfeiçoamento e renovação à luz da vida de fé, tanto da sociedade quanto das vidas individuais. Só conhecemos uma realidade na medida em que a vivemos e a celebramos e não apenas na medida em que a estudamos por um instrumento intelectual.⁶⁰

Por esta razão, exige-se que as celebrações sejam suscitadas e animadas por agentes de pastoral que tenham vivido a realidade comunitária e tenham capacidade de fazer integração desta situação com o evento Jesus Cristo, pois o pão que nós comemos está carregado de sentido social, pão cotidiano, pão de suores, pão feito pela mãe ou avó, pão do trabalho, do cansaço, da luta de cada dia, pão que muitos não têm e que alguns desperdiçam irresponsavelmente.⁶¹ Todo participante da liturgia deve ter consciência que, ao sair da cerimônia e participando da realidade sócio-política, deverá integrar esta ação com sua realidade e levar sua fé a interagir com sua vida social para que esta seja a manifestação da fé e de seus princípios. Este encontro dá-se nas celebrações que exigem uma complementaridade participativa.

8. A EXIGITIVIDADE ÉTICA DAS CELEBRAÇÕES

A partir de uma visão mais dinâmica das celebrações, elas se tornam plenamente comprometidas com uma ética transformadora que deve ser relacionada com todo o complexo celebrativo (assembléia, simbologia, metodologia celebrativa, espaço celebrativo, composição do conteúdo, etc.). A celebração torna-se o espaço onde o social prevalece sobre o individual, onde a fraternidade e a justiça são elementos propulsores de uma verdadeira celebração.⁶²

A liturgia pede uma ética encarnada a partir do corpo e do espírito e não apenas uma celebração dualista que se contente com a elevação do espírito, mas que deve superar a falsa visão antropológica unitária na ação litúrgica que tem sido a causa fundamental da fratura que se estabeleceu na comunidade cristã entre ortodoxia e ortopraxis, entre a fé pensada e a fé vivida.⁶³

A ética que a celebração exige é evidentemente revolucionária, pois pressupõe a superação das rupturas do tecido social

e a reconciliação, a partir das próprias palavras de Jesus que propõe se deixe a oferenda diante do altar, no caso de haver alguma queixa comunitária, e de só apresentá-la se houver verdadeira união sócio-fraterna.⁶⁴

Esta ética que nos advém da celebração cristã não é apenas uma admoestação, mas uma exigência que o próprio rito e seu conteúdo exigem.

É necessário que haja uma progressiva interação entre os rituais e a vida, pois quem celebra não o faz como um rito folclórico, nem mesmo como um serviço superficial e mecânico, mas como um gesto sagrado encarnado que unifica Deus e o homem e não pode viver dualidades entre a sua própria existência e a existência da comunidade.

Destas ações celebrativas nasce também uma ética comunitária, que deve ser a preocupação com os irmãos, uma busca de uma partilha sempre mais intensa e interessada para realizar a transformação do grupo anônimo em grupo de afinidade sócio-existencial. Numa celebração que perdura, os participantes devem caminhar sempre na busca um do outro, rompendo as barreiras dos preconceitos, das desigualdades e das injustiças. Somente assim todos caminharão para a plenitude das celebrações comunitárias. A celebração manifesta que os valores cristãos de fraternidade e de solidariedade são fundamentais e que a promessa do Reino não é uma proposta para a eternidade, mas um projeto que se dirige à realidade presente, como espaço possível e como momento originário da instauração do reinado divino.⁶⁵

Para que os sacramentos e sacramentais realmente sejam vivos, a ética das celebrações propõe como requisito o confronto da gratuidade de Deus diante dos males do mundo, a coragem, a força divina com a inspiração dos rituais e a esperança para enfrentar o mal e a luta pela libertação histórica plena.⁶⁶

Assim, os sacramentos e toda celebração na Igreja propõem uma ética a ser vivenciada: uma continuidade após terem terminado as cerimônias. Uma ética que exige partilha e solidariedade; que exige comprometimento com as causas de Jesus (pobres, marginalizados, sofredores), que exige luta e engajamento social; que se dinamiza na existência, que por ser prolongamento das celebrações, torna-se parte integrante delas.

A ética das celebrações parte do compromisso que os rituais expõem para serem vívidos e que passam a ser um momento síntese da grande celebração que é a vida de cada ser humano.

Com a recuperação comunitária da mensagem cristã dentro da teologia e da pastoral passou a existir um maior impetuoso ético que nasce a partir dos atos litúrgicos. A liturgia e a práxis passaram a caminhar na mesma direção, buscando sempre mais uma maior interação. A ética cristã passa a se

64. A.C. SOUZA, *Celebrar a vida*. Em *VIDA PASTORAL* 120 (1985), p. 20; e ainda G. PIANA, *Rito, fede e vita cristiana*. Em *RIVISTA LITURGICA* 64 (1977), p. 293.

65. B. BALDACI, *Fazer memória e repartir o pão*. Em *REVISTA DE LITURGIA* 69 (1985), p. 7. Muitas reflexões vão propor uma ética eucarística como a vivência da fraternidade, simbolizada na partilha do pão eucarístico. Segundo J.M.R. TILLARD, a eucaristia nada mais é do que a partilha do pão e do vinho como anunciadores da fraternidade. *L'eucharistie et la fraternité*. Em *NOUVELLE REVUE THÉOLOGIQUE* 91 (1969), p. 20.

66. J. FUELLENBACH, *The kingdom of God*. Manila, 1989, p. 11.

67. G. FOUREZ, *o. cit.*, p. 148.

68. D. TETTAMANZI, *Sacramenti*. Em *Dizionario Enciclopedico della Teologia Morale*. Roma, 1974, p. 924.

69. J.P. ROSATO, *Linee fondamentali e sistematiche per una teologia etica del culto*. Em *Corso di Morale — Liturgia*. Brescia, 1986, p. 11-14.

70. J. ALFARO, *Eucaristia e impegno cristiano per la formazione del mondo*. ASSIS, 1973, p. 612-613.

71. J.P. ROSATO, *o. cit.*, p. 37.

71. C. ANDRONIKOF, *Éthique et liturgie*. Em CSS, Roma, 1991, p. 23.

fundamentar na visão comunitária da Trindade e passa a pedir um comportamento participativo dentro da liturgia. Isso significa que a liturgia e a práxis são um lugar privilegiado no qual o Deus Triuno é encontrado e conhecido propondo uma participação ativa do cristão.⁶⁷

Esta dinâmica trinitária contida na liturgia traz em seu interior a necessidade de cumprir o trinômio cristão do anúncio, da denúncia e do celebrar a mensagem cristã, onde a ética entra com os parâmetros que direcionam todo o conteúdo do encontro celebrativo comunitário.

Todos os ritos expressam as manifestações da ética emergente da revelação trinitária, pois o dinamismo inerente à existência humana deve levar, como se expõe na liturgia, a uma busca do reconhecimento, adoração e participação do ser de Deus, englobando o espírito, que fomenta a fé e a missão ética do cristão.⁶⁸ Na dinâmica da encarnação, os sacramentos "re-simbolizam" e "pré-simbolizam" a ética de Deus, revelada como ética cristã.

Na liturgia, os ritos, símbolos, gestos e palavras são a continuação e a incorporação desta missão ética, através de modelos de vidas justas e inspiradas no amor verdadeiro, que antecipam a vinda do Reino e vigoram como protótipos da ação divina.⁶⁹ Não há dúvidas, portanto, que a liturgia em sua complexidade global representa a base estável do dinamismo da santidade pessoal numa integração comunitária que leva todos ao empenho social.⁷⁰ De fato, a ética cristã, por sua realização de *lex existendi et operandi* tem seu fundamento na *lex credendi* que é ela mesma regida pela *lex orandi*. Toda a vida cristã é de natureza litúrgica.⁷¹

A celebração comunitária cristã deve ser o ideal utópico da comunidade em atividade litúrgica. Falamos da coesão social e da atividade moral de todos os participantes ao culto da divindade. Trata-se de viver uma doxologia ao Pai que busca a antecipação da justiça e do amor, que crie atos litúrgicos que inspirem a ética pessoal e comunitária, levando a uma veracidade sempre maior entre culto e vida, para que a ética não seja a expressão hipócrita de uma celebração alienante ou incoerente. Assim, a ética cristã inspira a realização da fraternidade universal e da solidariedade comunitária (sobretudo aos mais pobres e oprimidos), que se transforma em culto, o qual, por sua vez, é a transparência de homens e mulheres de boa vontade que, pela força do Espírito de Deus, procuram construir o Reino de Deus e celebrar sua irrupção na história.

9. A NOVA SIMBÓLICA DE UMA LITURGIA DINÂMICA

Para dinamicidade da sociedade que seja profética e encarnada na realidade sócio-política, é necessário reaver todo signi-

ficado existencial do universo simbólico. É necessário que os ritos realizados nas celebrações possam, ser harmonizados com a continuidade dos símbolos cotidianos, ser reavivados nos momentos pós-celebrativos, de modo que a liturgia tenha inferência na vida prática e continue nela, como um ato sacramental. Assim, a simbologia deve concorrer para que a liturgia não seja um momento estanque da vida da comunidade, mas englobe toda a comunidade num todo que una fé e vida, que não haja imobilismo ritual, mas que se adapte às necessidades pastorais.⁷²

Deste modo, toda simbologia incorporada à celebração deve ter seu manancial na própria vida e não pode ser artificial ou importada, pois estes símbolos artificiais criam uma tal desvinculação com a vida que torna difícil a relação entre o que ocorre na celebração e tudo o que se vivência cotidianamente.

Deve-se considerar sempre com muito interesse e profundidade o caráter antropológico dos símbolos, pois os símbolos, dos quais se serve a liturgia, devem estar em conformidade com a natureza do homem localizado, tanto em sua dimensão individual como no seu ser social, o que tem levado, inclusive, a um grande interesse no estudo dos símbolos. De fato, em nenhum período da história tem-se escrito e pesquisado tão intensamente a importância dos símbolos na vida humana e na liturgia. Esta última é encarada como uma forma de expressão religiosa do ser humano.⁷³ Disto se destacam símbolos que são, ao mesmo tempo, um patrimônio universal da humanidade, como símbolos específicos de um grupo social, assim como símbolos caracterizantes de indivíduos presentes numa determinada circunstância histórica.⁷⁴

Embora o símbolo tenha seu manancial na realidade vivida, tem o poder de dirigir o espírito para o desconhecido, para o inexplicável e para o misterioso. Ele torna-se a ponte de passagem do materializado para o imaterializado, do limitado para o ilimitado, do finito para o infinito, em outras palavras, do imanente ele toca o transcendente.⁷⁵

Deste modo, as celebrações, que têm como objetivo o dinamismo e a exigência de transformação, buscam incrementar seu arsenal simbólico. Fazem-no de maneira natural e não artificializada por "invenção" de símbolos insípidos, mas tentando celebrar e vivenciar o mistério por meio deles, abrindo espaço para que os ritos se sirvam deste universo simbólico que torne uma celebração mais plena, com símbolos mais evidentes dentro da realidade.

O símbolo não deve explicado longamente e mas deve falar por si mesmo, por seu significado natural e grupal. Sua força de expressão deve congrega todos os irmãos e ser motivação de união e nunca de dispersão.⁷⁶ Deve ser a expressão viva da comunidade reunida, para ser conhecido e comunicar do mistério

72. R. FALSINI, *Le grandi acquisizioni teologico pastorali della riforma liturgica*. Em *RIVISTA DI PASTORALE LITURGICA* 157 (1989), p. 21. A. BECKHAEUSER destaca os vários tipos de símbolos que devem ser valorizados nas nossas liturgias, para que respondam às exigência de encarnação da liturgia. São citadas a pessoa, a palavra, os objetos, os gestos e também os movimentos (procissões, romarias) Mas servem também de instrumentais o som e a cor. *Celebrar a vida cristã*. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 36-37. Devemos destacar neste estudo o artigo sobre Criatividade de A. PISTÓIA, que destaca a aproximação cultural da simbologia litúrgica e sua aplicabilidade no campo religioso e mais especificamente no cristianismo. Isso nos permite compreender os elementos necessários para a unidade cristã dos símbolos e ao mesmo tempo a possibilidade de pluralidade. São destacados também os elementos vivenciais, as comunidades locais e os elementos históricos dos símbolos. *Criatividade*. Em *Dicionário de Liturgia*. São Paulo, Paulinas, 1992, p. 314-332.

73. D. SARTORE, *Segno-Simbolo (Premessa)*. Em *Dizionario Teologico Interdisciplinare*. Vol. 3, Casale Monferrato, 1977, p. 231.

74. G. LUTZ, *Simbolos na Liturgia*. Em *REVISTA DE LITURGIA* 48 (1981), p. 4.

75. G. LUTZ, *o. cit.*, p. 4. Dentro deste contexto, desenvolve-se uma liturgia mais fundamental, que procura vincular o sentido do mistério com a natureza, criando uma simbologia mais voltada para o mundo natural e circunstancial da comunidade. Aparece também a relação entre a comunidade reunida que se vincula ao mistério de Cristo, por meio de uma memória efetiva, objetiva e subjetiva, real e verbal. R. FALSINI, *o. cit.* p. 17. 76. P. CARPANELO, *Semente de uma nova expressão simbólica*. Em *REVISTA DE LITURGIA* 96 (1989), p. 170.

77. M. SIWINSKI, *Um novo jeito de celebrar*. Em *REVISTA DE LITURGIA* 78 (1986), p. 19.

78. M. SIWINSKI, *o. cit.*, p. 4.

79. P. CARPANEDO, *Os oprimidos em festa*. Em *REVISTA DE LITURGIA* 78 (1986), p. 18.

em celebração. Deve manifestar um compromisso de vida, uma convivência fraterna e a profunda comunhão entre Deus e os irmãos que se realizam através de sinais simbólicos, que expressam toda a riqueza da fé e da cultura religiosa dos celebrantes, especialmente quando entram em interação: Deus e a comunidade, intermediados pelo instrumento simbólico-cultural.⁷⁷

Somente estes símbolos aprimorados a partir da realidade poderão evitar que os cultos fiquem estagnados no catolicismo cristalizado, que com o tempo e a imobilidade tornara-se alienado, manipulador das massas, levando os celebrantes a uma ansiedade incontida de romper com esta manipulação, buscando, através de uma atitude dialética, uma negação da tese clássica dos ritos estáticos para uma integração sempre mais eficiente dos novos valores culturais que levam a comunidade a elaborar novos símbolos celebrativos.⁷⁸ O símbolo apresentado como expressão da celebração torna-se o elo de ligação entre o rito e vida concreta da comunidade que se reúne para celebrar sua fé e transformar sua vida.

Os símbolos devem ser atualizados, enriquecidos com novos símbolos e substituídos, quando outros símbolos forem mais capazes de expressar os sentimentos religiosos e responder às ansiedades de comunicação presente no espírito da comunidade, pois a liturgia deve ter sempre elementos como a música, os gestos, a simbologia, as palavras e a poesia para ajudarem o grupo a sonhar, a manter o coração em utopia, para despertar a esperança e a sede de lutar e aprofundar sempre mais o mistério e vivenciá-lo com mais segurança e participação.⁷⁹

Os símbolos, além de celebrarem a realidade, cumprem seu dom profético de proclamarem novas possibilidades de conquista para a comunidade, pois os símbolos não apenas expressam o que é a realidade, mas igualmente o que deve ser a realidade, com base nas promessas de Deus proclamadas na liturgia, como a fraternidade e a solidariedade, a libertação dos oprimidos, enfim, a construção do Reino de Deus.

Os símbolos devem expressar a realidade e ter capacidade de destacar-se do universo bíblico agrário e do formalismo oficial e penetrar no universo urbano, nas simbologias não bíblico-judaicas e incorporar o gênio cultural das comunidades inseridas, onde quer que se constituam. Devem expressar a paixão vital que leve todos a viver o que se celebra. De fato, a celebração é o lugar onde o símbolo transborda significados abrangentes e inatingíveis, levando à criação da harmonia envolvente, com busca da integração das unidades rompidas, com a restauração do elo de união entre o Criador e as criaturas, que se dá pela fraternidade entre todos os seres humanos e destes com o universo ecológico.

10. CONCLUSÃO

A reflexão que alinhavou nosso caminho aponta certas conclusões que podem iluminar a ação litúrgica e especificamente a prática sacramental na vida pastoral da Igreja sobretudo na América Latina.

Notável é a constatação da importância do momento litúrgico atual onde a ação ritual tenta resgatar seus aspectos fundamentais e superar os destaques que foi concedido aos elementos meramente de superfície, os quais não levam a grande valor exigitivo das celebrações litúrgicas, mormente em suas dimensões de frutuosidade e fecundidade, vale dizer, na relação liturgia e vida.

Algumas conclusões poderão ser importantes e iluminarão uma prática litúrgica que busca vencer a ruptura que se criou entre vivência e ritualismo ao longo da tradição litúrgico-sacramental cristã. Vejamos alguns pontos:

Consideremos que toda ação litúrgica é uma atualização do mistério de Cristo glorificado que, do seio do Pai, refaz em si, pelo Espírito Santo mas hoje, as ações salvíficas realizadas outrora, quando efetivou historicamente o mistério da encarnação. Esta ação no passado, retomada no mistério divino, proporciona às realidades terrenas uma dimensão meta-histórica que é sua divinização. Assim, os momentos litúrgicos representam o ápice da transformação de nossas realidades temporais, sem esvaziá-las num encontro com o universo divino, o encontro Deus-ser humano, vivificado pela teandricidade do Verbo de Deus (Jo 1, 1).

Esta ação divina na história garante para a Igreja ao longo dos tempos a validade dos atos sacramentais, isto é, garante a presença divina na ação humana, feita sob a efígie do Espírito Santo sempre atuante e vivo entre nós. Estes valores compõem os elementos constitutivos do sacramento: Deus na história e o ser humano vinculado a Deus pela sua fé viva em Jesus Cristo.

Essa condição tem uma importância fundamental na realização das ações litúrgicas e constitui a fonte da sua validade perene. Deus garante para a Igreja, por sua ligação com Cristo, a validade litúrgico-sacramental, pois Deus confirma os atos litúrgicos realizados em sua memória, atualizando sua ação presença nos gestos e palavras rituais.

A este elemento constitutivo, acrescenta-se um outro valor da ação litúrgica que garante a sua qualidade. À validade indispensável este elemento acrescenta a frutuosidade (a vida vegetal que é frutuosa e não estéril) ou sua fecundidade (a vida animal que é fecunda e multiplica sua existência).

Nosso objetivo principal foi aprofundar a relação entre os dois e conhecer o seu equilíbrio dentro das necessidades da

América Latina porque se em certos períodos do passado este equilíbrio foi deficiente e a "validade" assumira a posição absoluta na reflexão sistemática da teologia litúrgica. A exigência da efetiva fecundidade/frutuosidade oscilou como um pêndulo ao longo do desenvolvimento da teologia litúrgica.

Em resposta a pergunta que fizemos no início, depreendemos que a fecundidade é um valor exigitivo fundamental e é, ao lado da validade, um elemento constitutivo do sacramento. Este elemento constitutivo (fecundidade/frutuosidade) representa a participação interior do sujeito celebrante na ação litúrgica e é o termômetro da sua profundidade, a manifestação da existência dos elementos representados na celebração.

Todos os rituais litúrgicos devem ser penetrados por este empenho de vivenciar pela prática os elementos místéricos invisíveis das ações litúrgicas, que têm sempre a sua fonte vital na obra salvífica de Cristo. Sem esta participação ativa e consciente, sem o intercâmbio humano global no conteúdos dos ritos e sem a relação verdadeira entre a ação litúrgica e os atos concretos da comunidade/sujeito celebrante, a liturgia carece de um seu elemento constitutivo essencial, que é a sua fecundidade/frutuosidade.

É interessante notar a quantidade de elementos que emergem dos rituais da Igreja após o Concílio Vaticano II, a riqueza de propostas e sua insistência na fecundidade/frutuosidade da liturgia e dos sacramentos. Este elemento que os ritos insistentemente apresentam tornou-se o que se poderia chamar de "*valor exigitivo dos sacramentos*".

Ficou provado que o sacramento realçando apenas a validade é parcial e carece de um valor fundamental que é sua relação com a vida. Devemos, portanto, rever a celebração litúrgica dos sacramentos na atual conjuntura eclesial, pois a nossa realidade conclama por uma prática religiosa-sacramental mais coerente, mais realista e menos superficial. Assim, os sacramentos passam a relacionar-se estreitamente com os elementos da justiça, das realidades cotidianas, das culturas, especialmente as oprimidas, com os dramas dos excluídos sociais, com a ética humano-cristã, com a simbologia moderna, com a transformação social, enfim com a libertação humana. Uma liturgia cristã verdadeira incorpora, assume e jamais prescinde de todos estes elementos.

Agora, compete-nos a missão e a coragem para propor e encaminhar uma pastoral litúrgico-sacramental, de forma paciente e progressiva, na busca da plenitude da dimensão exigitiva de cada ação litúrgica, a sua frutuosidade/fecundidade aqui para a América Latina.

Sem nos conformarmos com o “mínimo necessário” exigido pela validade proposta pela dogmática propõe, devemos desafiar este limite e conquistar o “máximo possível” com uma liturgia transformadora, eficaz, ativa e consciente. Somente a liturgia fecunda e frutuosa contribui na Igreja e na sociedade para a construção do Reino de Deus na história humana, missão cristológica, legada como serviço a todo cristão. Esta realização de uma liturgia nova é o instrumento mais adequado para conseguir a inspiração cristã da divinização da humanidade, quando todos seremos perfeitos como o Pai é perfeito e unidos como é uma a Trindade.

Antonio Sagrado Bogaz
Professor de Liturgia e Pastoral da Liturgia
Instituto Teológico São Paulo.